


Janelas (in) discretas: nas/pelas telas acontecem cotidianos escolares
(En) Ventanas discretas: en / a través de las pantallas acontece la cotidianeidad escolar

 Alda Regina Tognini Romaguera¹

 Ana Cristina Baladelli Silva²

 Mauro Tanaka Riyis³

Resumo: No cenário da pandemia COVID-19 em 2020 e 2021, o ensaio apresenta fragmentos narrativos de encontros com crianças e professores/as que se fundam no conceito de acontecimento. Nos *espaçostempos* presenciais suspensos, quando o ir-e-vir entre casa/escola fica interrompido, indaga: De que outras maneiras poderiam acontecer? Aponta inéditos viáveis que inauguram possíveis *dentrofora*, através das telas de computadores e celulares.

Palavras-chave: Cotidiano- Pandemia – Educação – Música – Crianças - Professores

Resumen: En el escenario de la pandemia COVID-19 en 2020 y 2021, el ensayo presenta fragmentos narrativos de encuentros con niños y maestros que se basan en el concepto de acontecimiento. En los espacios tiempos presenciales suspendidos, cuando se interrumpe el ir y venir entre el hogar y la escuela, la pregunta es: ¿De qué otras formas podría suceder? Estas novedades abren posibilidades de adentro hacia afuera, a través de las pantallas de computadoras y teléfonos celulares.

Palabras-clave: Cotidiano – Pandemia – Educación – Música – Niñez - Profesores

Recepción: 20 de agosto de 2021

Aceptación: 18 de octubre 2021

Forma de citar: Tognini Romaguera, A., Baladelli Silva, A. & Tanaka Riyis, M. (2021). Janelas (in) discretas: nas/pelas telas acontecem cotidianos escolares. *Voces de la educación, número especial*, 35- 47.



Esta obra está bajo una licencia Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

¹ Universidade de Sorocaba – UNISO Brasil, email: aldaromaguera@gmail.com

² Universidade de Sorocaba – UNISO, email: anabaladelli@gmail.com

³ Universidade de Sorocaba – UNISO, email: musicaserveparaisso@gmail.com

JANELAS (IN)DISCRETAS: nas/pelas telas acontecem cotidianos escolares

Introdução

Para ritmar pensamentos com duas experiências distintas, vividas em cotidianos escolares brasileiros entre os períodos letivos de 2020 e 2021, nomeamos este texto roubando o título em português de um filme de Alfred Hitchcock⁴ (1954). JANELAS (IN)DISCRETAS aproxima-se da provocação do mestre do suspense que elege a janela como abertura, lugar de espreitar o mundo para um observador confinado, e brinca com uma ideia de suspensão dos encontros, para problematizar a presença-ausência dos corpos nos *espaçotempos* escolares, com Alves, Ferraço e Gomes (2019).

A primeira experiência se dá durante o processo de doutoramento de uma professora-pesquisadora que atua na rede municipal de educação infantil, na cidade de Sorocaba, SP, Brasil. A segunda acontece durante a escrita da dissertação de um músico e mestrando com experiências de oficinas de educação musical. Tanto a tese quanto a referida dissertação foram defendidas no ano de 2021, no Programa de Pós-graduação em Educação, na Linha Cotidiano Escolar da Universidade de Sorocaba, SP. Ambas apontam na direção de práticas docentes possíveis “nas/pelas telas” que fazem acontecer cotidianos escolares, em tempos de isolamento social.

Optamos por apresentar, nesta introdução, um breve contexto do que nomeamos acontecimento-pandemia, situando leitores/as no cenário escolar paulista e brasileiro. Em seguida apresentamos as experiências narradas desde as janelas da escola, ora por crianças e professora, ora por professoras e educador musical. Finalizamos o ensaio trazendo o conceito freireano de “inédito viável” como contribuição para que inaugurar encontros cotidianos, mesmo que não estejamos juntos/as.

Ao iniciar o ano letivo de 2020, profissionais da educação brasileiros/as, não poderiam imaginar o que estava por vir, apesar das notícias sobre o vírus SARS-COV-2 que se anunciava em outros continentes. É de conhecimento público que tal crise sanitária, decorrente de uma crise ambiental agravada por escolhas políticas (Latour, 2020), instalou um estado de mortalidade em proporções globais. No Brasil, até meados de setembro de 2021, em torno de 600 mil pessoas perderam suas vidas, numa tragédia anunciada de luto e orfandade, de acordo com dados divulgados pelas mídias.

Nos meses de janeiro e fevereiro do ano passado ainda não se conhecia a dimensão de contágio do vírus, e planos foram traçados, pensados, sonhados, para o início de mais um ano escolar. Porém, em março de 2020 o acontecimento-pandemia atravessou, atropelou e

⁴ Filme americano de 1954, dos gêneros suspense e mistério, dirigido por Alfred Hitchcock e escrito por John Michael Hayes com base no conto "It Had To Be Murder" (1942), de Cornell Woolrich. <https://pt.wikipedia.org/wiki/RearWindow>

transformou os cotidianos mundo afora. Como afirma Kohan (2020, p. 5) “ficamos todos subitamente sem escolas, no Brasil e no mundo.”

No estado de São Paulo, *locus* das pesquisas que embasam esta escrita, bem como nas demais localidades deste país, as escolas foram fechadas, sem previsão de retorno. Instalou-se o modo de trabalho remoto e viveu-se um período de quarentena, em isolamento social; esta adaptação se estendeu por longos meses até julho de 2021, para as redes públicas de ensino básico. Esse acontecimento gerou uma experiência de tempo suspenso, como se “o mundo tivesse sido detido, como se ele não passasse ou como se sua passagem tivesse efeitos relativamente pouco relevantes em função da detenção do mundo exterior” (Kohan, 2020, p. 6). Durante o período de confinamento, planos para a reabertura das escolas públicas foram ensaiados, mas não se concretizaram, posto que as infecções pelo vírus não foram controladas. São postergados por diversas vezes até julho de 2021, quando se retomam *espaçostempos* escolares em modo presencial, com protocolos de higiene e rodízio de crianças para garantir distanciamento social.

Esse retorno às aulas presenciais nas escolas de ensino básico se realiza de maneira desigual; de um lado, os governos estaduais e federal pressionam a volta em nome de uma “recuperação da economia”, reforçando uma ideia de escola como local onde os pais “deixam” as crianças enquanto vão para o trabalho. De outro, professores/as lidam com o medo do contágio, com a sobrecarga de aulas presenciais e aulas online, com a obrigatoriedade de gerenciar os “protocolos de segurança” em vigor. Tais demandas se agravam com ataques dirigidos pela opinião pública, muitas vezes atizada pelas palavras que instigam a violência; os profissionais da educação são acusados de vagabundos, incompetentes, preguiçosos, e outros impropérios disseminados pelas redes sociais.

Acontecimento: Movimentando pensamentos com crianças

*Você viu o corona vírus?
Ele é muito perigoso, você tem que ficar em casa professora, por
favor, senão você morre!*
(V. 5a.)

Uma pandemia que atravessa, transpassa, acontece.

Acontecimento é o que nos dá a pensar; o que dele vivemos, entendemos, pensamos, refletimos, aprendemos. Zourabichivilli (2004) diz, que é a sucessão de “dois estados de coisas, antes-depois”, e que apesar de encontrar abrigo na linguagem, não se deve concluir pela sua natureza linguageira. Deleuze (2011) diz que “o acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera”. E para viver o acontecimento, será necessário “tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne.”

No decorrer dos dias surgiu a necessidade de colocar no papel as palavras; algumas, poucas, soltas, que expressam sentimentos como euforia, tristeza, tranquilidade, ansiedade, esperança. Palavras que saltam sem intenção de poesia, apenas no ritmo das batidas de um

coração. Nossos corpos em isolamento num tempo que nos tirou a possibilidade de contato físico, em que só os fios invisíveis da internet nos conectam.

Em 2020 as crianças frequentaram a escola por apenas trinta dias. Entramos em quarentena obrigatória, como dito acima, “as escolas foram fechadas pela primeira vez desde a sua existência” (Kohan, 2020, p. 5). No início sentia-se algo como se estivéssemos em férias, forçadas, pois ficar em casa normalmente nos remete a descanso, tranquilidade. Foi perceptível com o passar dos dias que uma angústia tomava conta do coração, da vida e passamos a entender que não eram férias, mas quarentena, isolamento, distanciamento.

Fomos obrigados/as, pela situação emergencial, a criar em nossas casas protocolos de limpeza, higienização; aprendemos que a utilização de máscaras seria fundamental, que sair seria apenas para comprar alimentos, remédios. Passamos a realizar o trabalho em casa e observamos a vida ganhando um outro ritmo, outra performance, outras possibilidades.

Pequenos textos foram construídos no decorrer desse tempo, que não parou, nos trazendo notícias sobre escutas e experiências mundo afora.

*Professora eu quero ir para a escola,
mas o corona vírus não deixaaaa.
Eu tô com saudade da escola.
Eu quero voltar para a escola.
Eu quero voltar para a escola,
tá minha professora.
Beijos
(L. 5a.)*

Este recado foi enviado por uma criança em forma de vídeo, enquanto tocava violão. Para a professora que o recebeu, essa foi uma experiência que provocou choro, por diversas vezes; com a voz embargada, tentou responder à mensagem buscando palavras que acolhessem aquele lamento em forma de música. Um tempo foi necessário, para pensar e agradecer. E outras possibilidades, experimentações, sensações, percepções desabrocharam, como acontecimento(s) singular(es)”, que rompem com a lógica de *cronos* e irrompem *aionicamente* intempestivos e atuais (Pérez, 2014).

Com a suspensão de “um sistema que parecia inquebrantável, imparável, incontornável” (Kohan, 2020, p. 5), experienciamos um acontecimento, que proporcionou reflexões e nos trouxe medo, ansiedade, receios, principalmente dúvidas sobre como seriam os encontros com as crianças, no cotidiano. Passamos a movimentar pensamentos *com* as crianças a partir dos primeiros contatos e compreendemos que somente seria possível encontrar um caminho *com* elas, a partir de suas indagações e questionamentos.

Para Alves, Ferrazo e Gomes (2019) o acontecimento se dá como um efeito de superfície, algo que surge, mas que não se reduz às coisas em si, isto é, não se deixa representar, nem identificar, só podendo ser pensado no instante em que acontece. Barcena y Vilela (2006, p. 15) dizem que essa experiência, é única, irrepetível, algo que separa o antes

do depois, e que “o *aprender* significa reconhecer que há um tempo (o “depois”) no qual sabemos o que num certo “antes” ignorávamos.”

Pensar cotidianos escolares como acontecimento, nos apresenta a possibilidade de explorá-los em três dimensões essenciais da experiência educativa. O acontecimento que irrompe e nos dá a oportunidade de pensar o novo, com uma nova linguagem. O acontecimento que nos permite fazer uma experiência, esse “outro que faz experiência em nós”, por ser algo que nos acontece e não nos deixa iguais. E por fim, o acontecimento que rompe com a continuidade do tempo nos fazendo repensar a experiência humana de aprender.

A pandemia rompeu com a continuidade do tempo. Literalmente, nos fez parar, fechar as escolas, ficarmos distantes; como diz Kohan (2020, p. 5) “o vírus decretou uma morte, pelo menos temporariamente, das escolas: as deixou sem vida interna, sem cheiros, sabores, sem ar”. A partir da potência e da clareza que a pandemia nos ofereceu, pensamos em outras possibilidades, outros cotidianos se fizeram possíveis. Caminhando com eles, no mesmo instante, entre o acontecimento e o momento experimentado, as possibilidades começaram a se tornar visíveis.

Os contatos realizados com as crianças remotamente, em especial através de áudios e vídeos enviados pelas famílias, tornou-se um possível para sentir a pulsação e a potência da infância. Passamos a operar, como diz Pérez (2014), “*na e pela* ética do acontecimento”, no qual a criança “torna-se diferente do que é, sendo ela mesma”. Buscamos a inserção numa onda preexistente, como diz Deleuze (Lins; Gil 2008), aceitando o movimento e chegando “entre”. A cada contato com as crianças, surfava, ficava à espera do momento certo e então, ingressava na onda “num instante de duração não linear do tempo que tatua o corpo não com marcas visíveis, mas com um devir imperceptível que inebria a superfície de um dentro em núpcias com o fora.”

Pensar “*com* os acontecimentos cotidianos” implica tentar escapar de toda possibilidade de “representação, definição identitária”, entre outras possibilidades que venham no sentido de explicar o que aconteceu, já que o “acontecido” está no momento presente, naquele em que se dá (Alves, Ferraço e Gomes, 2019).

Passamos a *acontecimentalizar* (Pérez, 2014), *surf* (Lins, 2008) *com* as crianças num cotidiano inédito, potente, pulsante, poético, partilhado no curso de uma pandemia.

Professora, por que a gente não vai de máscara para a escola?

(DM. 5a.5m.)

Passando pela escola num desses dias, resolvi descer do carro e parei no portão, observei o interior dela e senti um vazio... Três meses fechada... observo as folhas secas arranhando o chão que estava sem lagartas, sem areia, sem pés ou crianças deitadas, rolando por ele. As fitas que coloriam nosso espaço e que antes colavam nos corpos atrapalhando o caminho dos adultos, se cruzavam entre elas fazendo um leve barulho. O parque, os brinquedos, me trouxeram uma sensação de pertencer tudo ao passado, sujos com o pó, sem

vozes, portas fechadas, que sensação de medo. Fui embora, aquilo me trouxe um sentimento de tristeza, frio na barriga.

Não passei mais por lá.

- *Oi professora, eu tô com muita saudade da escola,
dos meus amigos,
de brincar, de tudo.*
(L. 5a.11m.)

- *Professora, caiu meu dente, olha, olha...*
E ela me envia uma foto de sua boca, sem o dente!
(ML. 5a.9m.)

Os dias passam, as estratégias de atendimento remoto prosseguem. Chegamos em setembro de 2020, a escola funciona apenas para os funcionários, sem criança. Para escapar do vírus e cumprir a jornada presencial, criamos linhas de fuga (Deleuze y Guattari, 2011). Máscaras, álcool em gel, higienização na entrada de casa e sem aglomeração na escola.

Reflexões diárias. Permaneço no parque, as pessoas desejam conversar, mas seus rostos se escondem atrás das máscaras, quanta impessoalidade. Arriscamos nos entender através dos olhos, já nomeados “janelas da alma”. Para além dos olhos, nosso corpo todo fala, e expressa um olhar poético para esses dias, se pararmos para observar. No parque, *entre* um caminhar e outro pelos brinquedos, pelas árvores, pela areia, na solidão das máscaras, com o álcool em gel, a realidade atual.

Me emociono, preciso parar...

Quantas vezes isso acontece, e novamente e, novamente...

As reticências são propositais, representam o nó na garganta, as batidas aceleradas do coração, as lágrimas que não rolam, mas enchem os olhos, que como disse, dizem muito.

- *Professora, meu nome é M.*
Eu gosto muito da escola, mas eu nunca fui.
Nessa escola aí, eu vou poder ir?
Na outra eu não fui...
(M. 3a.11m.)

Renovam-se as esperanças, retornamos para a escola em 2021 com uma nova turma, mas ainda remotamente e novamente nos deparamos com dúvidas: como acolher essas crianças que chegaram, mas não presencialmente? Acolher as famílias, cumprir os protocolos de saúde mental e do coração, para além daqueles sanitários, como agir nesse sentido? Como fazer?

Busquei as crianças, para que dentre os nossos diálogos elas ajudassem a me aproximar, sem invadir, mas sendo presença. Presente, sem, no entanto, levar a escola para

dentro de suas casas, mas a dizer que aqui tem um lugar esperando por elas, assim que essa pandemia der uma trégua. Trilhar cotidianos suspensos, *com* as crianças.

Kohan (2020, p. 6) nos diz, utilizando os argumentos de Masschelein e Simons que “a escola nasce simbolicamente quando ela fecha as suas portas, porque ela vive da separação, da suspensão do que vale socialmente, impossibilitando se pensar uma escola-casa ou uma escola em casa.”

Busquei estratégias diversas, e observei algo importante. Foi possível ampliar o contato semanal, mensal, com materiais que proporcionam o tempo infantil na casa das crianças. Com o passar do tempo, os irmãos mais velhos também passaram a participar das propostas e os vídeos que retornavam me diziam mais do que sobre uma proposta realizada. Pela janela das telas, era possível observar a família brincando com as crianças, em momentos alegres de risadas, diversão, algo que era nítido, forte, pulsante, potente.

Os dias seguiram, a pandemia também, mas em julho de 2021, retornamos presencialmente.

Primeiro dia... Apenas uma criança chora.

- *Está tudo bem? Você quer conversar?* pergunto.

- *Eu não sei se queria ficar com a minha mãe ou vir aqui,* diz ela.

Não respondo e ela completa:

- *Vou ficar aqui, porque vai ser legal. Eu queria muito vir na escola.*

Minha mãe vem me buscar daqui a pouco né?

Respondo positivamente e ela sobe a rampa, brincando e sorrindo.

(A. 4a.)

O que experimentaremos após a pandemia? Que cotidiano iremos compartilhar? O que pensam as crianças? As professoras? As famílias? De que escola estaremos a falar?

As crianças chegaram ansiosas em conhecer o seu espaço, ainda tímidas entre elas, mas aguardando o momento das interações, das brincadeiras, das experimentações, de viver a infância entre os seus. O desejo de colocar os pés na terra, na areia, desejo de deixar escorrer o barro entre os dedos, de colocar os pés na parede; das experiências e descobertas com as tintas, dos machucados que acontecem na escola, das discussões, dos diálogos, dos desentendimentos, da reconciliação. De correr e entranhar-se nesse espaço que após 16 meses se abre novamente à experiência da infância.

Estamos tateando o retorno, recente, ainda em meio a pandemia, experimentando encontros, protocolos, espaços. Cuidados que se fazem necessários nesse momento, possibilitando outros cotidianos com as crianças, professoras, famílias, aquelas que se dispuseram a estar com suas crianças presencialmente, sensíveis a um outro tempo, como nos diz Kohan:

...há uma dimensão da escola insubstituível na construção de uma comunidade que busca compreender, problematizar e reinventar o mundo. Para isso, os professores e as professoras podem pretender impor um tempo

e seus poderes e modos de conhecer ou estar atentos e sensíveis aos tempos, poderes e modos de conhecer infantis. (Kohan, 2020, p. 9)

As crianças necessitam desse espaço, do tempo *aiônico*, da experiência, para vivenciar esses momentos entre os seus pares. Dialogar, brincar, estar naquele espaço que é seu, sendo ouvida, respeitada. Caminhamos lentamente no retorno presencial, e experimento outro acontecimento, de escuta, de momentos vívidos. Um gesto, que com Kohan (2020, p. 9) “talvez possa inspirar uma outra forma, infantil, de fazer escola, um outro tempo para experienciar a vida escolar.”

Professora, eu vou para a minha casa, mas amanhã eu volto para brincar mais um pouquinho, tá bom?
(L. 4 a.)

Seguimos ouvindo e aceitando esse convite.

Janelas (In)discretas

Ensaando cotidianos nas/pelas telas, trazemos uma experiência de formação que acontece em duas “janelas” que se abrem nas escolas, no período pandêmico, por duas escutas de cotidianos musicais.

Desde que se instalou o isolamento social entre nós em decorrência da pandemia, as possibilidades de exercer atividades como artista e educador ficaram muito restritas e prejudicadas. Shows, oficinas e exposições foram cancelados, suspendendo nossos cotidianos. Aos poucos, os profissionais da cultura e da arte encontraram maneiras de prosseguir, ainda que com adaptações do que se fazia presencialmente. Passamos a interagir com o público por encontros remotos a partir de plataformas de reunião digital, *lives* e expansão das redes sociais como canais de difusão da arte.

Ainda um tanto receoso em relação a esse caminho, impelido pela necessidade não só financeira, mas do encontro mesmo que de maneira artificial, fui aos poucos me adaptando a esses novos tempos dos encontros remotos, dos refrãos: “você está com o microfone fechado”, “vocês me ouvem?”, “abram a câmera para eu ver os seus rostos”. Ao fazer essa concessão, lançando-me no mundo digital, pude, então, participar de *lives*, entrevistas (provavelmente algumas impossíveis se não nesse formato, como a que dei para um canal de Singapura⁵), e convites para oficinas de música surgiram.

Para adaptar as oficinas do mundo dos encontros presenciais para o mundo do distanciamento, precisei refletir sobre o que seria essencial além do encontro? O que ocorria nas oficinas presenciais que fosse valioso o suficiente para transpor essa barreira da tecnologia? Minhas oficinas sempre tiveram um caráter prático, onde eu procurava levar as pessoas para o caminho da vivência, da experiência.

⁵ <https://www.instagram.com/tv/CGxNna2Hj1/>

Com isso em mente, elaborei maneiras para que os participantes das oficinas, mesmo que de maneira remota, pudessem correr o risco de fazer coisas práticas, como experimentar os sons do próprio corpo e se encantar com isso, como foi o caso das crianças na escola municipal de Campinas. Ou a montanha russa de emoções com as memórias dos sons da infância, e as descobertas da exploração do mundo da escuta e das possibilidades de gravar sons do dia a dia, e terem o resultado dessas gravações organizadas em uma peça sonora, como com as professoras da educação infantil de uma escola municipal de Sorocaba. É dessas experimentações que falarei a seguir.

No final de setembro de 2020, após sete meses sem trabalho algum, dei minha primeira oficina online para crianças de uma escola municipal de Campinas, interior de São Paulo.

Chegou o dia e horário, fiz o login, e bum! Estava aberto o campo de provas. Havia cerca de 40 pessoas, sendo três ou quatro professores e o restante, crianças com uma variedade grande de ideias e de condições. Diferentemente das oficinas aonde as pessoas vão até o local onde estou, neste formato, eu é quem vou para as casas delas. Vi cozinhas azulejadas e salas feitas de compensado. Vi quartos decorados com temas infantis e casas inteiras onde eu via a sala, cozinha e as camas no chão, num mesmo cômodo. Ouvi brigas de crianças disputando o único celular da casa para poder estar na minha oficina. Me veio uma memória de uma oficina que dei no Sesc Parque Dom Pedro II em São Paulo⁶, onde havia refugiados e meninos de rua. Como eles estariam neste momento sem acesso? ...

Para tornar a experimentação significativa, teria que fazê-los soar de alguma forma. Sem material disponível... O que eles poderiam usar? Ora, o próprio corpo! Temos um instrumento musical que nos acompanha desde que nascemos. É verdade que somos ensinados a não usá-lo. Na escola temos que ficar sentados e exercitar somente a cabeça. Para a religião católica, o corpo representa o pecado...

Para a nossa sorte, não estávamos nem na igreja, nem na escola. Estávamos em nossas casas.

Propus então, a exploração dos timbres possíveis do nosso corpo. Os tipos de palmas, o som das mãos percutindo a barriga, peito, coxas, perna, o som dos pés batendo no chão. Mostrei vídeos do Barbatuques⁷ e Stomp⁸ e ensinei uma música dos Barbatuques chamada Hit Percussivo, além dos ritmos brasileiros como o samba e o baião.

Dava para ver a alegria das crianças, que chamavam os irmãos menores, pais e quem estivesse por perto para explorarem juntos. Atuando nesse cotidiano alterado, foi possível

⁶ Durante os domingos do mês de setembro de 2019, dei a oficina: Escalafobéticos - criação de instrumentos musicais alternativos, na unidade Parque Dom Pedro II do SESC. Esta unidade está instalada próxima ao mercadão municipal de São Paulo e seu entorno é de bastante vulnerabilidade socioeconômica. Grande parte das crianças passava o dia todo lá, para não terem que lidar com os problemas em casa, quando tinham. Algumas crianças viviam em situação de rua. Também nesta unidade é comum a presença de refugiados que moram no entorno do mercado e do SESC.

⁷ <https://youtu.be/ZDQHozHu6i8>

⁸ <https://youtu.be/tZ7aYQtIldg>

presenciar a desigualdade social e econômica tão de perto ao entrar nas casas dos alunos, coisa que no cotidiano anterior era possível apenas intuir e imaginar.

Em meados de outubro de 2020, a convite de uma diretora de uma pré-escola da cidade de Sorocaba, conduzi três encontros durante as reuniões pedagógicas com as professoras daquela unidade. Pensei esses encontros como um espaço de experimentações práticas com os sons.

Tomei como inspiração o filme de Alfred Hitchcock chamado Janela Indiscreta, onde um fotógrafo, ao quebrar a perna, fica imobilizado em seu apartamento observando o mundo pela janela. Semelhante ao fotógrafo, as professoras, em decorrência da pandemia do Covid-19, ficaram também impossibilitadas de saírem de suas casas.

Porém, ao invés de observar o mundo pelas janelas, pedi que escutassem os sons que passavam pelas suas janelas e os registrassem com os seus celulares e enviassem para uma pasta compartilhada na nuvem e assim coletivamente criássemos uma coleção de sons pandêmicos.

Ao final do ciclo de encontros, enviei uma peça sonora composta com os sons enviados por elas e pedi que as professoras, após ouvirem a peça, dissessem como tinham se sentido, que ideias haviam sido germinadas ali.

As respostas que surgiram foram, em sua grande maioria, na direção do ineditismo da experiência. Frases como: “nunca havia parado para escutar” ou “nunca tinha prestado atenção aos sons que nos cercam” demonstraram o quanto foi importante impulsioná-las nesse sentido de ouvir, gravar, e manipular os sons cotidianos. Também foram comuns observações como: “fiz uma viagem”, “os sons me transportaram para um lugar que eu não consigo explicar”, “tive uma sensação, como uma viagem no tempo”. Muitos foram os relatos de que a realidade havia sido modificada de alguma forma e elas entraram em um mundo de fantasia, algumas relatando como um filme, outras como um conto. Mas o mundo da imaginação que foi acessado a partir da escuta dos sons que elas mesmas gravaram, e que eu organizei, serviu como essa porta de entrada para esse novo mundo. Eu chamaria de o mundo da (bela) escuta adormecida.

Outra fala comum que surgiu foi a de que agora fazia sentido falar em organização dos sons como composição, e que a música pode estar acontecendo ao nosso redor, é só ter a sensibilidade de ouvi-la e organizar esses sons, e que todos estão habilitados a fazê-lo independentemente da formação musical tradicional ou não.

Creio que esta semente da experimentação na prática com essas professoras criou um importante movimento de desenvolvimento da escuta e das possibilidades de criação a partir da matéria sonora. Seja explorando sons de objetos, seja criando instrumentos e compondo peças utilizando os sons do dia a dia e organizando-os.

Penso que se a música fosse um “objeto”, ao passar por uma formulação de conceito ao seu respeito, poderia também ser desinventada, tal qual propõe Manoel de Barros em seu poema. Propus nesses três encontros, formas de desinventar os objetos, das garrafas Pet e painéis à música. Juntos quebramos esse brinquedo chamado música e o remontamos ao

nosso modo e assim praticamos uma desobediência à imposição de uma música hegemônica e assujeitadora. A semente foi lançada, vou regar para ver se ela cresce e se espalha por aí...

Para que telas se façam janelas...

Neste ensaio, uma professora da educação infantil pública e um músico, artista sonoro, luthier experimental e oficinairo que atua margeando as instituições de ensino, recortam suas pesquisas e apresentam seus cotidianos no decorrer da pandemia, como se espreitassem por janelas/telas.... No caminhar de suas escritas, encontros, experiências que alteraram as rotinas, através de outras possibilidades, revelam a “importância de se *praticarpensar* os cotidianos, sempre no plural, como *espaçostempos* de resistência e de criação, protagonizados que são pelos *praticantespensantes*, em meio às múltiplas e complexas redes tecidas, que se expandem e não se deixam capturar” (Alves, Ferraço, Gomes, 2019, p. 1027).

Os cotidianos escolares foram atravessados pelo acontecimento-pandemia e seus reflexos e impactos levarão anos para serem mensurados, mesmo porque houve uma junção de situações e decisões que já não vinham caminhando numa constância e com o agravamento da pandemia, só veio a piorar, como por exemplo a redução no orçamento da educação nos últimos anos pelos governos estadual e federal que acabou por gerar o sucateamento das escolas, em especial a parte relacionada com a informática que foi tão necessária nesse período.

O retorno, ainda em meio a pandemia, nos revela que o *dentrofora* da escola é possível de ser reinventado, apesar das dificuldades existentes em nosso país como falta de internet, computador, alimentação, planejamento e atualmente, as vacinas. Como nos diz Paulo Freire (2019, p. 81) "só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também."

Seguimos com Alves, Ferraço e Gomes (2019, p. 1036), “criando agendas que brotam de nossas necessidades, de nossas solidariedades, de nossas virtualidades, de nossos possíveis”, buscando por nossa presença como *vistosouvidosentidospensados* “nossa vida pessoal e coletiva, entendendo que essas redes se relacionam nos mesmos *espaçostempos* mas com intensidades diferentes.”

Optamos por estabelecer propostas de experimentação de soluções e margear o sistema, promovendo pequenas desobediências cotidianas, nos abrindo à infância, com diz Kohan (2020, p. 9) e “aprender a sua forma de sentir o tempo, a leitura, a escrita, o pensamento e de não esquecer de cuidar sempre, a qualquer idade, a nossa vida infantil, em especial quando habitamos uma escola.”

Nesse contexto, os cotidianos escolares inventam seus “inéditos viáveis”, ao abrirem possibilidades de encontros pelos fios invisíveis da internet. Aquilo que se mantinha “inédito, ainda não claramente conhecido, vivido ou sonhado” e cuja “viabilidade antes não era percebida” (Freire, 2019, p. 149), abre-se feito janelas, nas/pelas telas dos computadores e

celulares e movimenta pensamentos e sentidos em corpos distanciados; *entre* momentos, a escola pulsa e acontece em nossas (in)discretas janelas de contato com o mundo em período de confinamento.

Esperançar, sempre.

Referências:

Alves, N. G., Ferração, C. E., Gomes, M. A. O. (2019). OS COTIDIANOS – *espaçotempos* de resistência e criação. *Currículo sem Fronteiras*, 19, (3), 1026-1038.

Barcena, F. y Vilela, E. (2006). Acontecimento. In: A. D. Carvalho (coord.) *Dicionário de Filosofia da Educação* (p.14-19). Porto: Porto Editora.

Deleuze, G. (2011). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.

Freire, P. (2019). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra.

Kohan, W. O. (2020). Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. *Práxis Educativa*, 15, (12), 1-9.

Latour, B. (2020). *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise*. Tradução Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: N-1-.

Lins, D. (2008). *Deleuze, surfista da imanência*. In: D. Lins y J. Gil (Orgs), *Nietzsche Deleuze - Jogo e Música*. Rio de Janeiro: Forense Universitária,

Pérez, C. L. V. (2014). Cinco cabeças e um copo de café...(com)fabulações sobre a potência de uma educação menor. In: A. Ribetto et al. (edit.) *Políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ.

Riyis, M. T. (2021). *Inventar mundos: acaso e possibilidades no encontro entre arte sonora e educação*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade de Sorocaba, PPGE, Sorocaba.

Silva, A. C. B. (2021). “Entre” encontros e caminhos de uma professora-pesquisadora no cotidiano da educação infantil. [Tese doutorado Universidade de Sorocaba]. No publicada.

Zourabichvili, F. (2021). *O vocabulário de Deleuze*. Campinas: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação, Unicamp. Disponível em: <https://www.redehumanizadas.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvili1.pdf>.

Acerca de los autores

Alda Regina Tognini Romaguera, Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de Campinas - UNICAMP na Linha Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte. Possui pós-doutorado em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC na Linha de Educação e Comunicação; é professora pesquisadora do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba - UNISO e coordena o Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GREeCE), na Linha de Pesquisa Cotidiano Escolar. Pesquisadora colaboradora do Grupo OLHO (FE/Unicamp). Professora convidada do Doctorado en “Educación, Arte y Cultura” de la Universidad Autónoma “Benito Juárez” – UABJO Oaxaca, Mexico. Integra a diretoria da Associação de Leitura do Brasil – ALB, no cargo de vice-diretora, gestão 2020/2021.

Ana Cristina Baladelli Silva, Possui graduação em Direito pela Faculdade de Direito de Sorocaba (1995) e licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação do Paraná (2008). Especialista em Arte-Educação pelo Instituto Superior de Educação do Paraná (2010). Mestra em educação pela Universidade de Sorocaba (2016). Doutora em educação pela Universidade de Sorocaba (2021). Professora de educação básica I - Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Sorocaba. integrante do Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GREeCE) e do Grupo de pesquisas a respeito das crianças, educação infantil e estudos da infância -CRIEI – Ufscar.

Mauro Tanaka Riyis, Artista sonoro, músico, oficineiro e luthier de instrumentos de cordas e de instrumentos alternativos. Estudioso e fabricante do instrumento africano Asalato; fundador e coordenador do grupo musical Escalafobéticos que faz música a partir de objetos do cotidiano ressignificados, membro da Orquestra do Corpo - grupo musical que faz música com o próprio corpo, organizada por Fernando Barba (Barbatuques), graduado em Educação Física e Música; Mestre em Educação pelo programa de pós-graduação da Universidade de Sorocaba - UNISO; integrante do Grupo Ritmos Estética e Cotidiano Escolar - GRECE e do Grupo de Pesquisas em Educação Musical - G-Pem IA UNESP.